



O MUNDO SECRETO DE CORALINE JONES: A CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA NA NARRATIVA DE NEIL GAIMAN

Mariana Rodrigues da SILVA

Universidade Federal de Campina Grande – mariana.rodriigues@hotmail.com

Márcia TAVARES

Universidade Federal de Campina Grande – tavares.ufcg@gmail.com

Resumo: Em meados do século XVIII, a literatura infantil tinha como principal objetivo a transmissão de costumes e a didatização. Entretanto, com a ruptura de certos paradigmas, a voz da criança ficou em evidência nas narrativas contemporâneas. *Coraline* do escritor inglês Neil Gaiman (2002) que se inspira em autores como J.R.R Tolkien, Lewis Carroll e nos contos de Edgar Alan Poe, é um exemplo. Gaiman constrói a protagonista ao longo do enredo marcado pela presença do fantástico, a partir da natureza autossuficiente que caracteriza Coraline, nas diversas situações que enfrenta em um ambiente cheio de escuridão, mistérios e em alguns momentos, assustador, por uma busca dos seus objetivos afim de solucionar todos os conflitos e reestabelecer o equilíbrio inicial. Partindo da análise da obra de Neil Gaiman, neste trabalho, nos deteremos a personagem e suas características.

Palavras-chave: Literatura infantil, Representação da criança, Coraline.

1 – REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NA NARRATIVA INFANTIL

Durante o século XVIII, a literatura infantil vivenciou um momento de intensas mudanças que foram acompanhadas a partir da ascensão da sociedade burguesa e o reconhecimento da criança no meio social, dispensando as produções estritamente clássicas para resultar em uma literatura de consumo geral. Antes disso, como mostram as autoras Regina Zilberman e Ligia C. Magalhães (1987, p.4), a literatura voltada para as crianças e criada por adultos pretendia através das narrativas estabelecer valores utilitaristas, o que era uma urgência para as famílias burguesas da época, pois era preciso preservar o lar como uma estrutura regida por regras, consolidando a imagem de uma criança-adulta tratada de modo hostil, indiferente a sua real posição.



A associação entre a pedagogia e o fantástico acaba revelando um tipo de dominação para a formação moral do leitor infantil, pois visa a *“informação a serviço da formação”* (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p.54) que aponta para as histórias de contos de fada em que por meio da fantasia ou do sobrenatural o conflito ordenado entre o bem e o mal é vencido, trazendo uma lição para o leitor, até a chegada do *“Feliz para sempre”*, o que legitimava as histórias infantis. Vale lembrar que na época, apenas as crianças burguesas tinham pleno acesso a literatura, enquanto que por meio da oralidade que as mais pobres conheciam as histórias.

Considerada como uma pequena parte da sociedade e adquirindo espaços, é a partir da escola que a criança irá estabelecer a sua entrada no mundo e onde os valores da geração adulta também são transmitidos e perpetuados para outras gerações. Pois, *“à medida que predomina o aspecto pedagógico de um texto, a enunciação recua, cedendo lugar aos estereótipos de uma visão esquemática do real”* (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p.46). O saber adquirido a partir dos livros infantis se colocam de duas maneiras que acabam confirmando que a literatura infantil é desvalorizada pelos adultos, pois

[...] De um lado, percebida sob a ótica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral. De outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico. (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p.14).

Com as mudanças ocorridas na literatura, a criança passou a ser de alguma forma representada no texto, mas obviamente, não dispensando algumas velhas características como a didatização, mas assim como cita Tavares (2013) *“a definição do horizonte de expectativa do leitor passa, então, pelo reconhecimento dos personagens, pela sua valorização e entendimento desses como participantes do seu universo”*, em suma, é pela literatura que certas lacunas são preenchidas, atuando tanto como forma de educar o leitor quanto modo de transformá-lo em um ser emancipado, rompendo os laços de opressão que o prendem a infância, família e à escola (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p.86).



2 – A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS E A VOZ DA CRIANÇA NAS HISTÓRIAS INFANTIS

Com a criança em evidência, a diferença da construção e recepção das histórias infantis mudou consideravelmente, pois como diz Zilberman e Magalhães (1987, p.85) “a relação com o destinatário é mais aguda no texto infantil”, com relação a quebra de toda indeterminação existente, decodificando o mundo a sua volta, desdobrando a associação entre o personagem x leitor, e possuindo uma posição crítica diante das normas (1978, p.85).

O formalismo russo percebe o personagem como um ser de linguagem própria no texto, sendo caracterizado como ficcional, e um elemento que faz parte do ser humano, pois “mesmo quando os textos se constroem a partir do fantástico ou de um eixo simbólico mais psicológico [...] a relação quase direta com o referente externo é uma constante” (KHÉDE, 1990, p.8). O personagem aparece então configurado como uma problematização da linguagem literária com relação aos aspectos culturais, como o exemplo da narrativa brasileira *A chave do Tamanho* de Monteiro Lobato (1942) que se caracteriza pela forte associação do texto com os eventos sócio-históricos recorrentes dentro e fora do Brasil, como a Segunda Guerra Mundial.

A narrativa de contos de fadas tida como infantil, inicialmente, não tinha a criança como participante, pois as histórias giravam em torno do mundo adulto, repleto de reis, rainhas, uma princesa considerada bela, virtuosa e honesta – uma fiel representação da família – que acaba se apaixonando por um príncipe encantado, mas o amor é interrompido por um encanto de uma bruxa má, feia e solitária. A história, então é rodeada por florestas, palácios, fadas e animais de boa índole – que graças ao mundo da fantasia, falam – acabam ajudando a mocinha em apuros e junto de seu príncipe, vivem felizes. Em contraposição, a história de uma boneca de pano que anseia por aventuras no meio de um quintal rodeado de árvores com frutas e insetos, para descobrir novas coisas conversando com os animais, desvendar lugares secretos em outros mundos ou se jogar ao meio desconhecido. Essas características citadas são interpretações de personagens infantis como *Cinderela*, *Branca de Neve*, *Bela Adormecida* e a boneca *Emília* que em épocas diferentes desenvolvem um processo no leitor – em construção – uma espécie de reconhecimento ou rejeição a partir de suas características e ações na narrativa que acabam preenchendo o leitor a partir da identificação com o agir dos personagens.

Os personagens das histórias infantis, em geral, são considerados lineares e possuem rigor



em relação a sua imagem e suas características, um espelho do que requeria a sociedade burguesa industrial da época. Os contos de fadas são marcados por um único traço ou um grande reforço desse traço, como o exemplo da boa moça ou da bruxa má, atenuando a relação maniqueísta dos contos de fadas – o confronto entre o bem e o mal. A criança como personagem é mostrado como uma vítima da família, um ser puro, fraco, inocente em que suas ações se configuram pela iniciação. Como na maioria das narrativas, a presença do fantástico demarca uma linha tênue entre o equilíbrio e o desequilíbrio, em que há um rompimento do equilíbrio inicial da narrativa, desencadeando diversas consequências que ao decorrer do texto se tornam uma busca pelo estabelecimento do equilíbrio inicial. É por meio do fantástico que também são inseridas temáticas consideradas “não infantis” ou tabus, como a morte, canibalismo, a guerra e entre outros (KHÉDE, 1990, p.16 - 22).

A criança como o centro da história é um fato contemporâneo que se resume ao conflito entre o mundo do herói e do adulto em que o leitor se encontra representado na ficção a partir do texto, pois há um aproveitamento de dados do universo da criança e do adulto, atraindo o leitor juvenil, mas aos livros

cabe averiguar se os livros falam a linguagem de seus leitores, oferecendo a estes um ponto de orientação e entendimento diante sua realidade existencial e do ambiente dominado pela norma adulta. (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1987, p.87).

Em suma, a criança contemporânea que lê e faz parte das narrativas infantis, se caracteriza pela provocação do reconhecimento e sua identificação, busca questionar, suspeitar, levantar hipóteses sobre personagens e suas ações no texto. As histórias deixam de ser cópias, para se tornarem o impulso para o pensamento da própria criança que gosta de aventuras e que não deixa acima de tudo, o seu lado repleto de imaginação em um ser puro e indefeso.

3 – O SUSPENSE EM *CORALINE* DE NEIL GAIMAN

O suspense na narrativa é construído a partir da recorrência de ações e descrições de ambiente cheias de tensão que motivam a leitura até o seu desfecho, é um texto de efeitos em que a expectativa acaba prendendo o leitor. A incerteza, inquietação e surpresa, marcam o enredo das histórias de suspense que em algumas ocasiões, o personagem se vê no meio do que mais teme, precisando superar todo e qualquer medo para encontrar sua identidade e vencer.



Muito conhecido por seus romances, roteiros e quadrinhos, o escritor britânico Neil Gaiman inicia sua carreira escrevendo biografias e matérias de jornal, acaba sendo inspirado por seu grande amor por livros, pelo mundo da fantasia e por narrativas de tradição de terror. Influenciado por autores como Edgar Allan Poe e J.R.R Tolkien, Gaiman escreve em 2002 o livro *Coraline*, ilustrado por Dave McKean, e mais tarde é produzido em *stop motion* para os cinemas sob o título *Coraline e o mundo secreto* (2009) e publicado também em formato de *graphic novel* no ano de 2008. *Coraline* não se prende apenas ao público infantil, pois a adoção do suspense na narrativa faz com que qualquer leitura seja apropriada e agrade a qualquer leitor, o que faz da obra Gaiman um sucesso de vendas e de fãs por todo mundo.

Aclamado pelas críticas, *Coraline* narra a história da família Jones, composta pela garota Coraline e seus pais que se mudam para uma casa antiga cheia de mistérios e lugares escuros que também é habitada por um estranho domador de ratos chamado Sr. Bobinsky e as atrizes aposentadas Srta. Forcible e Srta. Spink com seus vários cachorros. A velha casa possui 21 janelas e 14 portas, mas há uma porta em particular, no canto mais afastado da parede da sala de visitas que não leva a lugar algum. Após a descoberta de uma chave, a curiosa Coraline percebe que a porta leva para outro mundo que se parece muito com o seu, a mesma casa, os mesmos vizinhos – e até o mesmo gato preto que estava sempre pela casa – só que esse outro mundo é absurdamente melhor, nele sua outra mãe faz comidas deliciosas, seu outro pai é atencioso e está sempre à procura de agradar sua filha estando disposta até a brincar com a menina. Mas, há um grande problema, os olhos de todos no outro mundo são feitos de botões reluzentes, essa é a única forma da garota permanecer ali, ficar igual a todos no outro mundo. É a partir disso que Coraline se pergunta se o outro mundo é realmente tão bom quanto parece ser, pois a cada momento que passa lá as coisas vão ficando cada vez mais estranhas, a menina percebe que está só quando volta ao mundo real e que sua outra mãe raptou seus verdadeiros pais e pretende prende-la para viver com ela para sempre do outro lado da porta.

Com as diversas armadilhas arquitetadas pela outra mãe e pelo outro pai – totalmente vulnerável e obediente a outra mãe – que Coraline tenta se livrar das garras da “aranha” mas a menina acaba presa em um armário escuro com os fantasmas de três crianças que a muito tempo estão presas ali. Determinada a sair daquele lugar, Coraline propõe uma espécie de jogo de exploração para a outra mãe que libertaria seus pais e as almas das crianças presas no armário, então, a menina começa a explorar pela casa e conta com a ajuda do gato preto que acaba salvando



sua vida. Com a volta para seu mundo, a menina encontra seus pais verdadeiros e tudo parece estar bem novamente, mas na noite de sua volta, a garota sonha com as três crianças que agradecem por ela terem os libertado e alerta que parte da outra mãe está a sua procura. Então, Coraline cria um plano para atrair a mão da sua outra mãe que resistiu com o fechamento da porta, trancando-a dentro de um poço fundo, fazendo com que tudo volte definitivamente ao normal.

A outra mãe de Coraline é a principal marca da presença do suspense na obra de Gaiman que pode ser percebido nos momentos de descrição e nas comparações metafóricas da outra mãe com uma *aranha*, pois como cita Tavares (2013) é o detalhamento na narrativa que faz com que imagens assustadoras e repugnantes influenciem o leitor, direcionando suas emoções. Outro fator que contribui neste direcionamento é o ambiente, apesar de se restringir a casa e a outra casa, é também onde se concentra o suspense na história, como no trecho em que o narrador descreve o lugar em que a ‘outra mãe’ prendeu seu ‘outro pai’:

Respirou profundamente (o fedor de vinho azedo e pão embolorado enchia sua cabeça e afastou o pano úmido, descobrindo algo aproximadamente do tamanho de da forma de uma pessoa. Sob a luz tênue, Coraline levou vários segundos até reconhecer de fato a coisa: era pálida e inchada como uma larva, as pernas e os braços finos como varas. Quase não havia traços em seu rosto, que inchava e inflava com massa de pão fermentada. Tinha dois grandes botões negros no lugar onde deveriam ter sido os olhos. (GAIMAN, 2003, p. 107).

O narrador em *Coraline* possui um papel essencial, é ele que nos guia pela jornada entre os mundos e pensamentos, é através dele que temos conhecimento dos fatos a partir da protagonista, traçando uma antecipação que causa uma expectativa no leitor para saber como a personagem irá agir diante das situações. Os primeiros capítulos do livro são dedicados a investigação sobre a descoberta da porta pela personagem, porém, de acordo com a continuidade das situações do texto que o narrador dá pequenas pistas sobre o que irá acontecer e que podem ser percebidas em uma leitura atenta do leitor.

De início, não sabemos quem seja Coraline Jones, a protagonista da narrativa vai sendo construída aos poucos, de maneira que não há nenhuma caracterização física ou de sua personalidade inicialmente. A imagem que temos da personagem se configura a partir de três perspectivas, a personagem que vemos nos filmes, a dos livros e da *graphic novel*, todas elas possuem os mesmos traços marcantes. Direcionando nosso foco para a personagem ilustrada nos livros, percebemos que os desenhos que compõem cada capítulo mostram uma Coraline com sua expressão característica de curiosidade, a ausência de cores faz com que o leitor imagine a



personagem de diversas maneiras, a partir da cor da pele, dos cabelos, dos olhos, havendo características físicas distintas para cada leitor, considerando sua própria imagem e o movimento de identificação do leitor com o personagem que está presente na obra.

É por meio das suas ações, na curiosidade, procura por aventuras que percebemos uma Coraline independente e autossuficiente, mas mesmo com toda sua forte personalidade, é criança, considerada como um ser limitado em comparação aos adultos, nesse caso, os seus próprios pais. Isto pode ser visto no momento em que Coraline está entediada e decide falar com seu pai sobre o que fazer para se divertir:

– Então explore o apartamento – sugeriu o pai. – Olhe, aqui tem um pedaço de papel e uma caneta. Conte todas as portas e janelas. Faça uma lista de tudo que for azul. Organize uma expedição de busca ao aquecedor de água central. E me deixe trabalhar em paz. (GAIMAN, 2003, p.15).

Coraline é muito comparada com outra personagem de muito sucesso, a menina *Alice* (1865) do escritor inglês Lewis Carroll que narra a história de uma garota que por sua imensa curiosidade acaba caindo em uma toca de coelho, a partir disso, tudo muda em sua vida com sua entrada no país das maravilhas. Alice é uma personagem de personalidade forte, cheia dos seus ‘porquês’ e de seus pensamentos consigo mesma que sempre procura explorar tudo a sua volta. Coraline e Alice são duas protagonistas ousadas para idade, mas que acabam baseando suas ações de acordo com o mundo adulto, as personagens anseiam por aventuras para sair do tédio em que vivem e só a fantasia é capaz de proporcionar que esse desejo se torne real, seja caindo na toca do Coelho, comendo bolos e poções para entrar em um mundo desconhecido ou abrindo uma misteriosa porta no canto da parede. Um forte fator que liga as personagens é o deslocamento da sua identidade, nas duas obras, trechos semelhantes exprimem este sentimento:

“ – Quem é você? Perguntou a Lagarta – Eu... Eu mal sei, Sir, neste exato momento... Pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.” (CARROLL, 2009, p.55).

Após a entrada na fantasia e sua influência sobre Coraline e Alice, elas acabam se desconhecendo aos poucos, chegando as indagações sobre o conhecimento de si própria:

“Coraline despertou com o sol do meio da manhã em cheio sobre o seu rosto. alguns momentos sentiu-se totalmente deslocada. Não sabia onde se encontrava, nem estava totalmente certa de quem era [...] Às vezes Coraline esquecia-se de quem era enquanto explorava o Ártico, a floresta amazônica, ou a África



desconhecida em seus devaneios, e era somente quando lhe chamavam o seu nome que Coraline retornava...” (GAIMAN, 2003, p.67).

É apenas através do outro mundo que Coraline se aproxima da liberdade, transitando entre dois mundos, o real caracterizado pela normalidade, ausência de atenção, tédio e o outro mundo repleto de magia em que são percebidos o amor e a companhia dos outros pais, as aventuras e diversão que no mundo real, não existem. Com isso, pode ser percebido uma ideia de que no mundo mágico tudo é possível, entretanto, para poder pertencer a esse novo mundo Coraline tem de ser diferente e colocar olhos de botão, mostrando que o mundo da fantasia é um lugar restrito que apenas alguns podem habitá-lo. Quando Coraline visita a Sra. Forcible e a Sra. Spink, elas preveem que ela está correndo perigo e dão uma espécie de pedra com um furo no meio, esse objeto seria um símbolo que funciona como uma espécie de filtro da fantasia, pois mesmo sendo um lugar fascinante, há coisas ruins que precisam ser vistas com outros olhos.

A presença do fantástico e de traços dos contos de fadas são bem marcados na narrativa, a travessia da porta marca o rompimento entre o equilíbrio entre os mundos, desencadeando consequências, como o desaparecimento dos pais de Coraline e sua permanência no outro mundo com a outra mãe em seu encaicho. As atitudes da protagonista a configuram como uma heroína, pois ela é a única que pode salvá-los, o que é considerado algo contemporâneo, visto que as crianças não tinham visibilidade nas histórias infantis antigamente. Assim como nos contos de fadas, o Gato que sempre ficava ao redor da casa de Coraline, ajuda a menina a escapar das garras da outra mãe, lembrando as princesas que eram salvas por animais que eram seus amigos fieis. Após sua saída do outro mundo, nem mesmo a própria Coraline acredita em tudo que viveu, a ideia de todas as situações que passou lhe eram fascinantes: “Nada, pensou ela, jamais fora tão interessante” (GAIMAN, 2003, p. 132).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Nádia Gotlib (2006), as obras que possuem dados do mundo fantástico têm uma forte relação entre a realidade e a ficção, conseqüentemente, desenvolvendo uma aproximação com o leitor, criando uma espécie de representação a partir daquilo que lê. Com a criança ganhando espaço e se tornando protagonista das narrativas, houve uma grande abertura para esta identificação, seja com os personagens, sua personalidade ou espaço que é descrito, caracterizando a literatura



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

infantil contemporânea como voltada não apenas para as crianças, mas para o público em geral, com objetivos que vão além da simples didatização.

Na obra *Coraline* de Neil Gaiman é através do suspense, das descrições feitas pelo narrador e de uma personagem destemida que ocorre um rompimento entre a formalidade das histórias de contos de fadas tradicionais, para a ampliação da visão do leitor permitindo que se imagine como participante dos livros que lê e principalmente dando asas para sua imaginação.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



5 – REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

GAIMAN, Neil. *Coraline*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1990.

MAGALHÃES, Ligia C.; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1987.

TAVARES, Márcia. *Você conhece Coraline Jones?: o leitor juvenil e a narrativa de suspense*. Campina Grande: Congresso Internacional da ABRALIC, 2013. Disponível em:<<http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=414>>. Acessado em 20 de abril de 2016.